



As universidades recrutam alunos estrangeiros em cada vez mais países
FOTO LUÍS BARRA

Mais alunos estrangeiros, mais milhões para as universidades

Estudantes de fora aumentaram em Portugal 19% em dois anos

ISABEL LEIRIA

Chegam sobretudo do Brasil, de Angola, de Cabo Verde. Mas também de Espanha, Itália, Polónia. Ou de paragens mais longínquas, como o Irão, Índia, Colúmbia, China. Uns ficam apenas um semestre, outros só se vão embora, ou não, uma vez concluída a licenciatura, o mestrado ou o doutoramento. A procura por formações de nível superior aumenta, as instituições de ensino portuguesas ganham nome lá fora, o país conquista fama como destino turístico e são cada vez mais os alunos que acabam por escolher o país para estudar. Eram cerca de 26,500 no ano letivo de 2013/14; passaram a quase 33 mil em 2015/16, de acordo com os últimos dados da Direção-Geral de Estatísticas do Ensino Superior (DGEEC). Ou seja, uma subida de 19%.

Não é só o mercado de trabalho que se internacionaliza. A mobilidade começa logo na formação de nível superior. E se programas como o Erasmus são já uma prática estabelecida entre os jovens europeus, a aprovação do Estatuto do Estudante Internacional (EI) em Portugal, em 2014, veio tornar este mercado ainda mais apetível. Há a projeção trazida por quem vem de fora e que passa palavra, mas há também o lado financeiro, que ganha relevância num cenário de contenção orçamental.

Com a aprovação do estatuto do EI, as instituições passaram a criar vagas específicas para este contingente, podendo cobrar propinas que correspondem ao custo real da formação. Ou seja, em vez de pedirem anuidades em torno dos mil euros por uma licenciatura (o limite máximo para estudantes nacionais), universidades e politécnicos estão a pedir valores entre os dois mil euros até aos sete mil, como é o caso

da Universidade de Coimbra (UC). Mas há exceções: jovens de países da UE ou bolsiros de PALOP, por exemplo, são equiparados a estudantes portugueses e não pagam propinas mais altas.

Seja como for, os estudantes internacionais já valem milhões. Segundo o Ministério, entraram ao abrigo deste regime 468 estudantes em 2014/15 e no ano seguinte o número mais do que duplicou (1158). E as instituições esperam bastante mais este ano. O Politécnico de Bragança, com 199 novos EI em 2015/16, e a UC, com 187, são os recordistas.

No caso do Instituto Politécnico do Porto (IPP), os números indicam que um total de 871 estudantes estrangeiros (EI e não só) frequentam a instituição. Mais de 300 são da União Europeia. Mas a maioria — mais de 500 — vem de fora. Do Brasil (239), mas também da Índia, para estudar Engenharia, por exemplo. Nacionalidades representadas são ao todo 59.

“O Politécnico do Porto é hoje uma marca conhecida em todos os estados do Brasil. A captação de estudantes internacionais por parte do IPP é uma consequência da sua estratégia global de internacionalização, através da formação e investigação, e não um objetivo isolado ou uma mera forma de preencher vagas sobranças. Até porque tal problema não existe no IPP”, explica Rosário Gambôa, presidente do instituto.

Não há instituição que não assuma idêntica estratégia e há várias frentes de ataque incontornáveis. A participação em feiras internacionais de ensino, o que permite divulgar a instituição mas também perceber o que procuram e valorizam os alunos estrangeiros, e o estabelecimento de acordos de parceria com universidades e outras instituições estrangeiras, que preveem a mobilidade de estudantes e investigadores são duas delas, indica a Universidade de Aveiro (UA), que conta com 325 alunos estrangeiros em mobilidade e mais de duas centenas a frequentar uma licenciatura completa ou mestrado. No caso da UA, existem, por exemplo, protocolos com o Instituto Confúcio e com o INEP, o instituto brasileiro

responsável pelas provas de acesso ao superior, e que ajudam assim à divulgação em dois dos mais atrativos mercados para as instituições portuguesas — China e Brasil.

Mais a norte, na Universidade do Minho, os cerca de 1400 estudantes estrangeiros que lá estão para concluir um curso representam “cerca de 8% do total da comunidade estudantil”, informa a instituição. Sendo que o plano é chegar aos cinco mil em 2020. Além das apostas geográficas tradicionais, a UM volta-se também para outros países da América do Sul, como Colúmbia, Equador e México.

Globalmente, e ainda de acordo com os números da DGEEC, os 33 mil alunos que vieram para Portugal estudar representam agora 9% do total de inscritos no ensino superior. Ficam as instituições a ganhar e ficam também os negócios em torno deste mercado. A Uniplaces, plataforma que gere alojamentos para estudantes, duplicou o número de reservas do verão passado para este ano, sendo que cerca de 70% são de alunos estrangeiros.

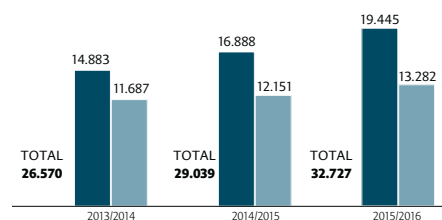
ileiria@expresso.imprensa.pt

ALUNOS EM MOBILIDADE INTERNACIONAL*

Para obter

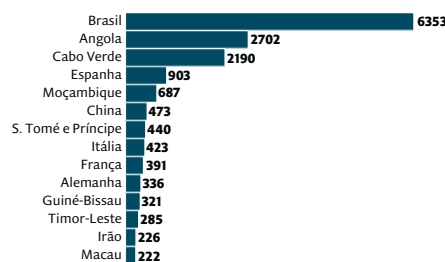
■ UM GRAU

■ CRÉDITOS



*ESTUDANTES QUE VIERAM PARA PORTUGAL COM O PROPÓSITO ESPECÍFICO DE TIRAR PARTE OU TODO UM CURSO SUPERIOR

INSCRITOS POR PAÍS DE ORIGEM*



* PAÍS DE CONCLUSÃO DO ENSINO SECUNDÁRIO. APENAS MOBILIDADE DE GRAU
FONTE: DIREÇÃO-GERAL DE ESTATÍSTICAS DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA